

Inventando o futuro

Maria Tereza Goudard Tavares

Mônica de Souza Motta

O desafio de nos refazermos perante o futuro

Tempos de Pandemia da COVID-19, nos quais vivemos todas e todos premidas/os entre o medo cotidiano de não termos direito ao futuro. Vivemos tempos desiguais, nos quais a defesa da vida tornou-se matéria prima do presente. Em tempos pandêmicos é preciso inventar o futuro todos os dias. Mas como nos ensina Paulo Freire, o futuro não nos faz, nós é que nos refazemos a luta para fazê-lo (1996).

Imagem 1: Paulo Freire



Fonte: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2020/10/02/quem-foi-paulo-freire/>,
[aceso em 10 de maio de 2021.](#)

Chegamos ao segundo ano de pandemia (2021) com a esperança de finalmente, com a vacinação em massa, retomar nossas atividades pessoais e profissionais no espaço público, nas escolas, na universidade, nas ruas. Esperança vertente da ação de lutar, num contexto em que o esperar se caracteriza no movimento de luta, numa

perspectiva do encontro das possibilidades diante das “situações-limites”(FREIRE, 1987) na busca de melhores dias.

Imagem 2: UERJ/FFP



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Nesse contexto, trazemos para roda de diálogo a *invenção*, palavra radicalmente potente que nos convoca à criação, ao desejo de *ser mais*, de produzir outros tempos no mundo. Mas nesse momento marcado pela pandemia, o que implica inventar o futuro? Para qual mundo? Para quais pessoas? Com quais pessoas? Um mundo no qual a delicadeza não seja uma afronta? Um mundo no qual a água, as árvores, a alimentação, a casa acolhedora, o transporte público, a escola, a saúde pública e o trabalho digno não sejam “moedas de troca”? E sim direitos de todxs? Pensamos um mundo plural, fruto dos mais variados interesses, desejos, especificidades e expectativas, construídos com a união de muitas mãos, tendo como fundamento a justiça e a equidade.

Imagem 3: Muitas mãos unidas



Fonte: <https://www.sinprominas.org.br/noticias/reuniao-de-professores-que-atuam-nas-cidades-da-abrangencia-da-cct-mg-em-15-04/>, acesso em 15 de maio de 2021.

Assim, que mundo esperar pós-pandemia do coronavírus? Segundo Muniz Sodré (2005) convivemos cotidianamente com uma suposta “quantidade de futuro” que, como diz Ernst Bloch, os homens e mulheres, assim como o próprio mundo, carregam dentro de si. Nesse sentido, enquanto professoras e professores das infâncias, daqueles e daquelas que recém-chegados ao mundo apostam na aventura de vivê-lo, de conhecê-lo, nos colocamos disponíveis à invenção do futuro, de um futuro que nos permita na potência do agora, construir campos de coexistência em lugar de campos de batalha, que nos possibilite desejar a vida e a lutar para vivê-la como um *presente bonito*. Um horizonte de aventura, descobertas e de possibilidades.

Imagem 4: Crianças brincando



Fonte: <https://www.tudointeressante.com.br/2014/07/32-fotos-magicas-de-criancas-brincando-ao-redor-do-mundo.html>, Acesso em 05 de abril de 2021

Por isso nos colocamos abertxs ao devir, nos colocamos disponíveis aos afetos políticos que agenciam *bons encontros*, que apostam em heterotopias, ora possíveis, ora impossíveis, mas fundamentais para se lutar. Se lutar juntxs, as lutas necessárias contra esses tempos sombrios que teimosamente tentam impedir a chegada do amanhã. Mas teimosamente reiteramos: já é amanhã em nós!

A construção do futuro é pautada no sonho, na concepção da imaginação, sendo que nesse contexto pandêmico, o sonho se nutre entre tempos de luta e resistências, portanto, de esperança, numa aposta nos “saberes necessários” (FREIRE, 1996) para a sua consolidação, pautado nas possibilidades utópicas e *inéditos viáveis* (FREIRE, 1987) produzindo no hoje, um futuro possível para todxs.

Referências:

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)**

SODRÉ, Muniz. A Verdade Seduzida: Por um conceito de cultura no Brasil. Petrópolis: DP&A Editora, 2005.

Sobre as autoras:

Maria Tereza Goudard Tavares: Professora Associada da Faculdade de Formação de Professores da UERJ/Departamento de Educação. Procientista da UERJ e Professora do Programa de Pós-Graduação – PPGedu. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisa da(s) Infância(s), Formação de Professores (as) e Diversidade Cultural (GIFORDIC). E-mail: mtgtavares@yahoo.com.

Mônica de Souza Motta: Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Processos Formativos e Desigualdades Sociais (FFP/UERJ). Professora Supervisora Educacional da Secretaria Municipal de Educação de São Gonçalo/RJ E-mail: monica_mtt2004@yahoo.com.br